



NOÇÕES DE ESCRITA DE SINAIS

Aspectos históricos, estruturais e sua aprendizagem

Aline Jaislane de Souza Tavares
alinetavares285@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns aspectos históricos e estruturais do *Signwriting*, sistema de escrita das línguas de sinais, a importância desse sistema na alfabetização dos surdos e sua relevância na identidade desse povo. Criado em 1974, por Valerie Sutton, na Dinamarca, o *Signwriting* objetiva expressar configurações de mãos, movimentos, pontos de articulação e expressões faciais das línguas de sinais. Teve seu primeiro registro no Brasil em 1996, por meio do professor Antônio Costa, resultando em trabalhos, como os de Marianne Stumpf, primeira surda, e também professora, a escrever a língua de sinais. A escrita da língua de sinais consiste na representação visual das mãos, dos movimentos e das expressões faciais, além de dois sentidos de leitura: horizontal e vertical, e três formas de escrever os sinais: escrita com corpo inteiro, escrita de língua de sinais padrão em *Signwriting* e escrita simplificada ou escrita à mão. A escrita de sinais se torna um instrumento de grande importância para o registro da história dos surdos, desenvolvendo a construção social e cultural desse povo, fortalecendo a identidade surda. Ademais, o Sistema *Signwriting* revela-se como um aliado do processo de alfabetização de crianças surdas, pois permite que as mesmas unam os sinais realizados à escrita da representação visual dos sinais. Ressalta-se a aprendizagem da escrita da língua de sinais como primeira língua, sem rejeitar a escrita da língua oral do país, esta presente no aprendizado da pessoa surda como segunda língua. Conclui-se que o trabalho alcançou os objetivos propostos, promovendo por meio de sua escrita a divulgação do tema, ressaltando a importância de mais estudos na área, afim de enriquecer a literatura sobre a surdez, as línguas de sinais e a escrita destas línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Língua de Sinais. *Signwriting*. Alfabetização do surdo. Identidade surda.

1 INTRODUÇÃO

Na antiguidade romana e grega, os surdos eram vistos como aberrações, incapacitados, criaturas condenadas por conta da surdez. Esse preconceito para com as pessoas surdas se estendeu, quando no Congresso de Milão de 1880, decidiram que a melhor forma de comunicação para eles seria o oralismo, ou seja, após um tempo eles passaram a ser aceitos na sociedade, mas sua particularidade não, isto é, as pessoas ouvintes continuavam a decidir o que era melhor para eles, que era se enquadrar ao mundo ouvinte, era aceitar a ideia de uma única cultura.

Após um tempo a comunidade surda obteve diversas conquistas, estas, atualmente, amparadas por leis, como a Lei 10.436/2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, no qual a reconhece como língua oficial para a comunicação de surdos; E o Decreto 5.626/2005, que a torna como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores.

Apesar da Língua Brasileira de Sinais ser oficializada como língua de comunicação para os surdos, a sua escrita é realizada em cima da língua oral do país, ou seja, a Língua Portuguesa. Nenhuma lei no Brasil dispõe da escrita de sinais, porém algumas escolas já a utilizam na alfabetização de surdos, mas como suporte para a aprendizagem da escrita da língua oral.

Segundo Stumpf (2008) por meio da escrita de sinais, a criança reconhece a importância da sua língua de sinais e adquire com rapidez o aprendizado ampliando também o vocabulário de sinais. O Sistema *Signwriting* possibilita a criança surda a associação da escrita ao sinal, o que não é possível através da Língua Portuguesa, essa associação literal.

Além da escrita de sinais contribuir na alfabetização dos surdos, ela também se destaca na identidade surda, na qual permite registrar a história e a construção dos sujeitos surdos.

Diante do exposto, o objetivo do artigo é apresentar alguns aspectos históricos e estruturais do Sistema *Signwriting* e sua importância na alfabetização do surdo, além da sua relevante contribuição no processo de identificação surda.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Signwriting é um sistema de escrita das línguas de sinais, criado por Valerie Sutton, em 1974, que objetiva expressar configurações de mãos, movimentos, pontos de articulação e expressões faciais das línguas de sinais. A palavra *Signwriting* significa, em português, Escrita de Sinais.

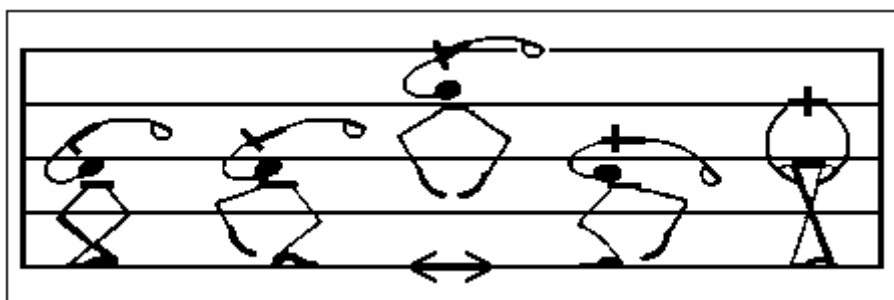
Figura 1 – Valerie Sutton



Fonte: Barbosa, 2013.

Valerie Sutton inicialmente criou um sistema escrito de danças onde registrava movimentos de danças de forma escrita, conhecido como *Dancewriting*, a partir dessa descoberta, pesquisadores perceberam a possibilidade de tornar escrito também as línguas de sinais. O primeiro registro da escrita de língua de sinais ocorreu na Universidade de *Copenhagen*, na Dinamarca, no qual Sutton gravou os sinais em videocassete.

Figura 2 - Dancewriting

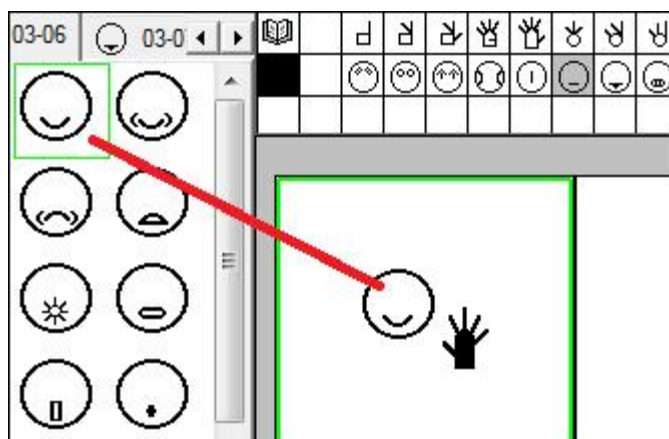


Fonte: Sutton, 1974.

O *Signwriting* chega aos Estados Unidos, em 1977, por meio de um workshop, se desenvolvendo rapidamente, passando de um sistema escrito à mão livre a um sistema escrito no computador, contribuindo assim para sua popularização.

Apenas em 1996 é registrado o uso do sistema escrito de sinais no Brasil, por meio do Professor Antônio Carlos da Rocha Costa, que conheceu o *Signwriting* através do computador e contribuiu na criação do SW-Edit (2002), um *software* de editor de textos da língua de sinais.

Figura 3 – SW-Edit



Fonte: Klimsa, Sampaio e Klimsa, s. d.

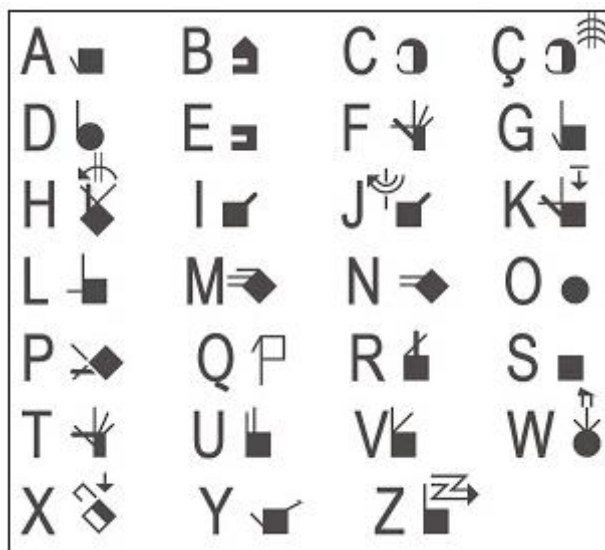
Além da criação de *software*, o professor formou grupos de pesquisas sobre a escrita de sinais, destacando trabalhos de Marianne Rossi Stumpf, professora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Stumpf foi a primeira surda a escrever a língua de sinais e seu primeiro trabalho foi na Escola Especial Concórdia em Porto Alegre, que viu o *Signwriting* como uma forma real de escrever a língua de sinais, contribuindo na alfabetização dos seus alunos surdos.

3 ESTRUTURA DO SIGNWRITING

A estrutura do sistema de escrita de sinais consiste em uma representação das mãos, dos movimentos e das expressões faciais, podendo registrar qualquer língua de sinais do mundo. (STUMPF, 2008). O alfabeto de escrita de sinais, por exemplo, é a representação visual da configuração de mãos do alfabeto da língua de sinais.

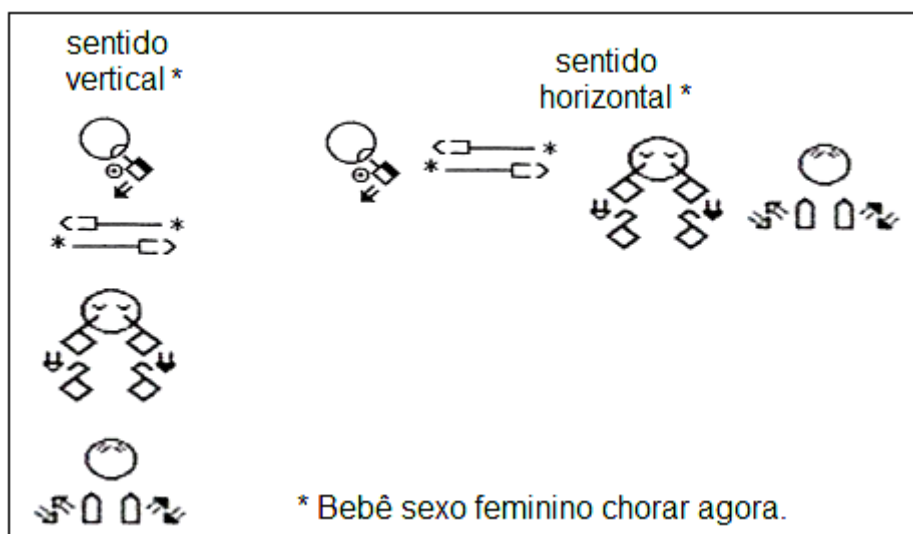
Figura 4 – Alfabeto Signwriting



Fonte: Klimsa, Sampaio e Klimsa, s. d.

O Sistema *Signwriting* tem como ponto de vista o expressivo, isto é, quando vemos nossos próprios sinais sendo feitos, esta forma foi considerada padrão na escrita da língua de sinais. Ele pode ser encontrado também em dois sentidos em relação a sua leitura, sentindo horizontal ou vertical, começando sempre pela coluna da esquerda. Além dos sentidos, há três formas de escrever os sinais: escrita com corpo inteiro, escrita de língua de sinais padrão em *Signwriting* e escrita simplificada ou escrita à mão.

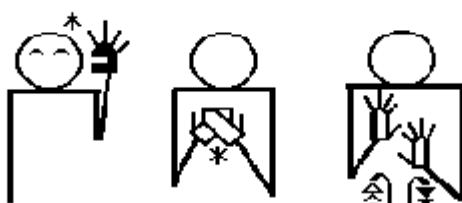


Figura 5 – Sentidos em relação a leitura



Fonte: a autora, 2018.

A escrita com corpo inteiro se caracteriza, como o próprio nome já diz, pela utilização da forma completa do corpo; A escrita de língua de sinais padrão em *Signwriting*, é composta por símbolos que representam o sinal; Por fim, a escrita simplificada que é a simplificação da escrita padrão, excluindo certos símbolos de contato para facilitar a escrita à mão. (STUMPF, 2008).

Figura 6 – Forma de escrever os sinais

<p>Escrita com corpo inteiro</p>  <p>*Quarta-feira estudar libras</p>
<p>Escrita de língua de sinais padrão</p>  <p>*Quarta-feira estudar libras</p>
<p>Escrita simplificada</p>  <p>*Quarta-feira estudar libras</p>

Fonte: a autora, 2018.

3.1 REPRESENTAÇÃO DAS MÃOS

A representação das mãos no sistema escrito de sinais apresenta orientação das mãos, configuração das mãos e perspectivas de plano: parede e chão, porém vamos nos restringir à orientação e configuração das mãos.

Quanto a orientação das mãos, a palma da mão é representada pela cor branca, enquanto o dorso da mão é de cor preta. Quando a mão encontra-se de lado ela é representada pelas duas cores.

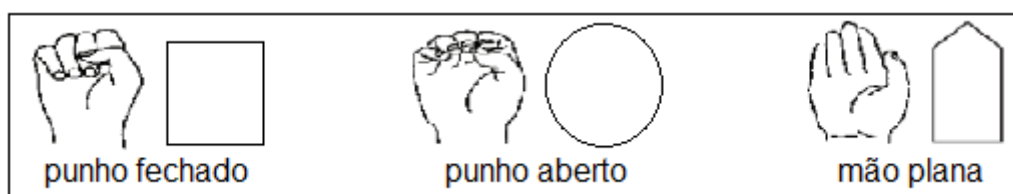
Figura 7 – Orientação da mão



Fonte: a autora, 2018.

Em relação a configuração de mãos, na escrita de sinais ela apresenta três configurações básicas: punho fechado, punho aberto e mão plana.

Figura 8 – Configuração de mãos



Fonte: a autora, 2018.

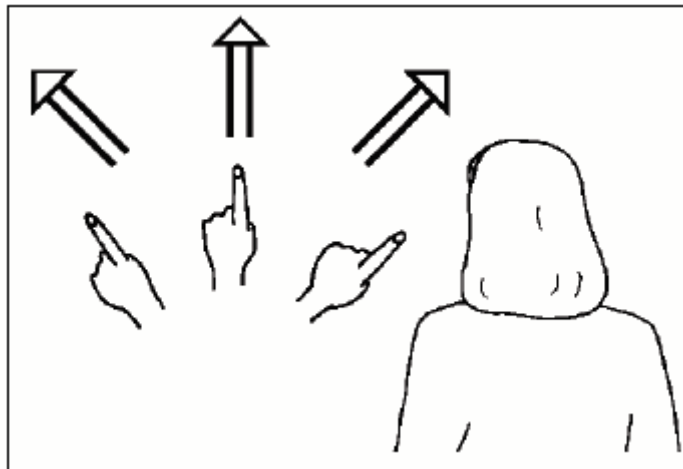
3.2 REPRESENTAÇÃO DOS MOVIMENTOS

Na escrita das línguas de sinais os movimentos são representados por setas, que suas formas e cores variam de acordo com as perspectivas de planos (parede e chão) e com as direções das palmas das mãos (direita, esquerda, para cima, para baixo, para frente e para trás).

Os movimentos podem ser representados por quatro tipos diferentes de setas: seta dupla branca, seta dupla preta, seta de haste simples e seta neutra.

A seta dupla branca é utilizada em sinais que se movimentam para cima ou para baixo paralelos à perspectiva de plano parede e realizados pela mão esquerda.

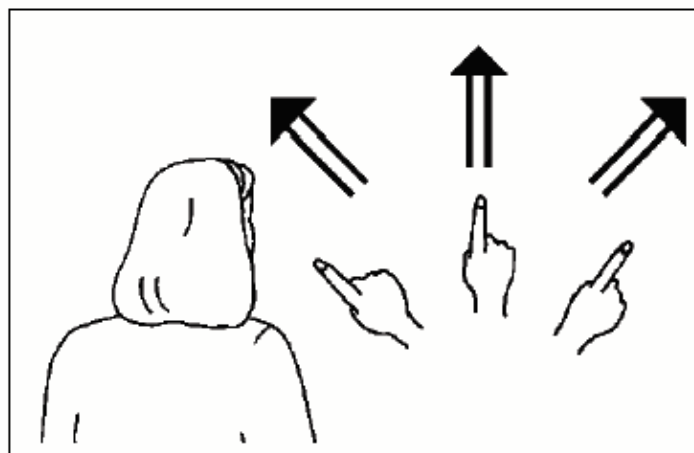
Figura 9 – Seta dupla branca – mão esquerda



Fonte: a autora, baseada em Klimsa, Sampaio e Klimsa, s. d.

A seta dupla preta é usada para representar movimentos de sinais realizados com a mão direita para cima ou para baixo paralelos a parede.

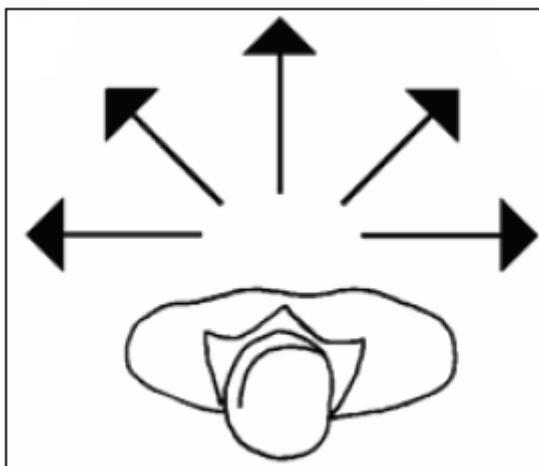
Figura 10 – Seta dupla preta – mão direita



Fonte: a autora, baseada em Klimsa, Sampaio e Klimsa, s. d.

Os movimentos para frente e para trás, independente de mão, esquerda ou direita, paralelos à perspectiva de plano chão, são representados pela seta de haste simples.

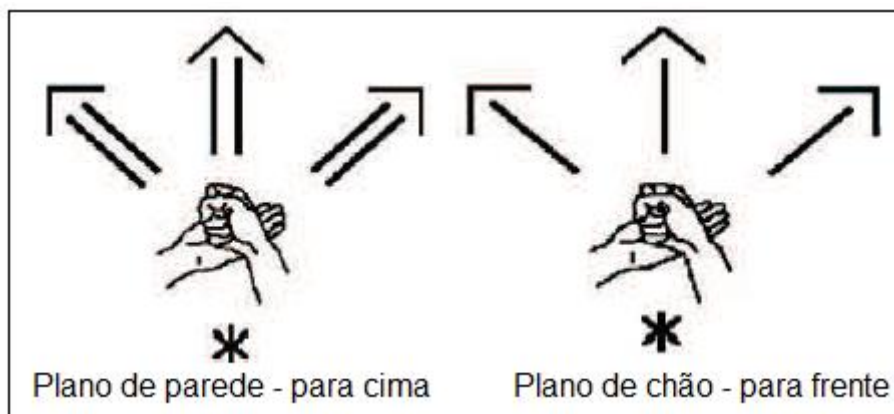
Figura 11 – Seta de haste simples



Fonte: a autora, baseada em Klimsa, Sampaio e Klimsa, s. d.

Por fim, a seta neutra (nem branca, nem preta) é utilizada para representar movimentos feitos com as duas mãos em contato para uma única direção, lembrando que seta dupla para perspectiva de plano parede e seta de haste simples para plano de chão.

Figura 12 – Seta neutra

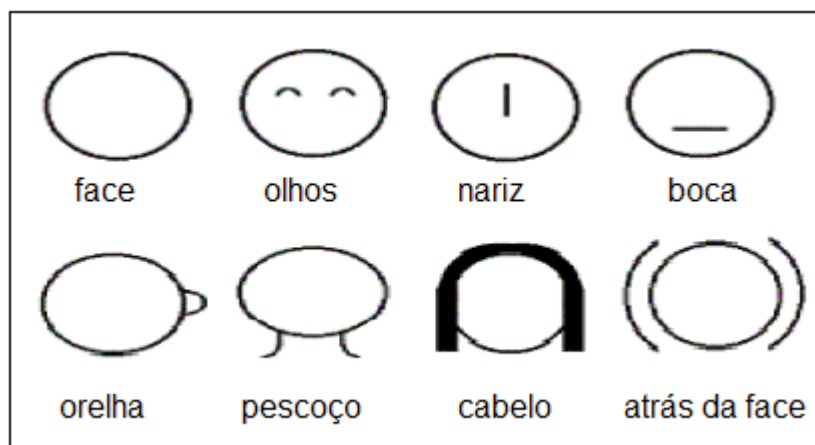


Fonte: a autora, baseada em Klimsa, Sampaio e Klimsa, s. d.

3.3 REPRESENTAÇÃO DAS EXPRESSÕES FACIAIS

As expressões faciais no Sistema *Signwriting* são representadas por meio do símbolo da face ou cabeça, sendo as demais expressões variadas do símbolo da face.

Figura 13 – Expressões faciais e suas variações



Fonte: a autora, 2018.

Além destas variações, os símbolos da face ainda apresentam outras variantes, como: testa, dentes, sobrancelhas, língua e bochechas.

4 A IMPORTÂNCIA DO SIGNWRITING NA IDENTIDADE E NA ALFABETIZAÇÃO DO SURDO

A escrita, de forma geral, se constitui de um instrumento de socialização que permite a organização de ideias e garante os seus registros. De acordo com Almeida (2016 *apud* CAPOVILLA, 2001),

uma língua que não tem um registro escrito é limitada, e incapaz de desenvolver-se e consolidar-se a ponto de servir de base para a constituição de um povo e de uma cultura. Agrupamento que não tem registro escrito da própria língua não tem o domínio necessário para articular, de modo sólido e seguro, seu desenvolvimento cultural e organização social. Permanecem sem a união da organização central efetiva e sem tradições ou memória, dependentes de feudos dispersos e de intermediários para obter informações transitórias, instáveis e vulneráveis a distorções e boatos. (ALMEIDA, 2016, p. 30 *apud* CAPOVILLA, 2001).

Vemos que a escrita se torna fundamental na formação da cultura de um povo, sendo assim destacamos a importância do *signwriting* na construção da identidade do povo surdo, onde por meio desse sistema pode-se registrar a história dos surdos garantindo o desenvolvimento cultural e organização social de forma autêntica, a constituição e o reconhecimento como sujeito surdo e a fundação das relações sociais e afetivas entre eles.

Além do registro escrito da língua de sinais possibilitar a autoafirmação e estabelecer o sujeito surdo, ele contribui no processo de alfabetização das crianças surdas, que apesar de surdas e praticantes da língua de sinais, ainda encontram-se sujeitas a uma alfabetização decorrente da escrita da língua oral do país.

Segundo Almeida (2016, p. 30-31 *apud* Capovilla, 2001) para a pessoa surda a leitura da escrita alfabética é artificial e arbitrária, com a ausência da audição é incapaz de reforçar a leitura e a escrita da forma que se sinaliza. A escrita alfabética foi realizada para representar os sons da fala, nesse caso não há a relação da escrita com a sinalização.

Sendo assim, Quadros e Schmiedt (2006, p. 29) se referem ao sistema escrito de sinais como

[...] uma porta que se abre no processo de alfabetização de crianças surdas que dominam a língua de sinais utilizada no país. Este sistema envolve a composição das unidades mínimas de significado da língua compondo estruturas em forma de texto.

A criança surda que está passando por um processo de alfabetização imersa nas relações cognitivas estabelecidas por meio da língua de sinais para organização do pensamento, terá mais elementos para passar a registrar as relações de significação que estabelece com o mundo. Diante da experiência com o sistema de escrita que se relaciona com a língua em uso, a criança passa a criar hipóteses e a se alfabetizar. Experiência com o sistema de escrita significa ler esta escrita. Leitura é uma das chaves do processo de alfabetização. Ler sinais é fundamental para que o processo se constitua.

Esse sistema escrito das línguas de sinais abrange todos os parâmetros dessa língua sinalizada, por meio dele é possível expressar as configurações de mãos, os movimentos, os pontos de articulação, as orientações e as expressões faciais e corporais, algo que a escrita alfabética não pode registrar.

Ou seja, por meio da escrita da língua de sinais a criança surda encontra-se imersa na alfabetização de sua própria língua, podendo aliar a sinalização a escrita, assim como os ouvintes associam a fala a escrita. Através da alfabetização mediante do *signwriting* a criança surda também aumenta seu vocabulário de sinais e tem mais facilidade em aprender a escrita da língua oral do país como segunda língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tempos, acreditou-se não ser possível escrever as línguas de sinais, devido a esta dificuldade em representar o visual na forma escrita, os surdos eram submetidos a escrita alfabética, isto é, a alfabetização da língua oral do país. Porém, em 1974, logo após a criação do *Dancewriting*, Valerie Sutton produziu o *Signwriting*, o sistema de escrita da língua de sinais.

Apesar da existência da escrita de sinais no Brasil, a escrita de sinais ainda é pouco adotada em escolas, sendo vista apenas como suporte para a escrita da língua oral. Desta forma, as instituições de ensino impossibilitam que os alunos surdos usufruam de sua real contribuição, que é o aporte a aquisição da língua oficial de comunicação dos surdos e a constituição de sujeito surdo, afirmando sua identidade.

Aprendendo a língua de sinais como primeira língua, o aluno surdo tem a oportunidade de se sentir inserido em sua própria cultura. O mesmo ocorre com a escrita das línguas de sinais. Isso não significa que o sujeito surdo deva negar a língua oral do país a que pertence, pois ele está imerso em uma sociedade ouvinte, mas que sua língua oficial de comunicação seja priorizada em seu processo de alfabetizando, estando a escrita e a própria língua oral como aprendizagem de segunda língua.

Conclui-se que de forma sintetizada, o presente trabalho alcançou os objetivos propostos, promovendo por meio de sua escrita a divulgação do tema, ressaltando a importância de mais estudos na área, afim de enriquecer a literatura sobre a surdez, as línguas de sinais e a escrita destas línguas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Lucia Garcia de. **A importância da escrita de sinais acoplado ao ensino de libras na ótica dos professores de uma escola bilíngue para surdos na cidade de São Paulo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciência da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www2.unifesp.br/centros/cedess/producao/teses/tese_187_maria_lucia.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

BARBOSA, Eva dos Reis Araújo. **É possível escrever a língua de sinais? 1** fotografia. 2013. Disponível em: <<http://nomundodalibras.blogspot.com/p/escrita-de-sinais.html>>. Acesso em: 21 set. 2018.

BRASIL. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 26 jun. 2016.

_____. **Decreto n. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 10098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dez. de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 26 jun. 2016.

KLIMSA, Severina Batista de Farias; SAMPAIO, Maria Janaína Alencar; KLIMSA, Bernardo Luis Torres. **Escrita de sinais I**. UFPB: João Pessoa, s. d. 6 figuras. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/sistema/app/webroot/docs/letraslibras/Escrita_de_Sinais_I.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de sinais III**. UFSC: Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/escritaDeSinaisIII/assets/256/TEXT0_BASE_ELSIII.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

SUTTON, Valerie. **Dancewriting**. 1974. 1 figura. Disponível em: <http://www.dancewriting.org/acrobat/infopack/DanceWriting_Brochure.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.